

Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



Morada das plantas

Fernanda da Costa

A agitação da Avenida João Pessoa parece amenizada quando estamos nos jardins do Direito e da Economia, no Câmpus Centro da UFRGS. A sombra das árvores, o cheiro da terra e os desenhos formados por plantas e pedras fazem com que o cenário sirva de fuga dos carros e passos apressados que ficam do outro lado do portão. Tudo ali é pensando e cuidado com carinho pelas jardineiras Fátima Ávila Cardoso e Rosane de Lima Rodrigues, que trabalham para uma empresa terceirizada.

Há nove anos, elas usam o espaço como uma tela para construir obras vivas e em constante mudança. Um trabalho que vai muito além da estética, pois elas amam as plantas e estão sempre preocupadas com a saúde delas. “Algumas são do sol, outras são da sombra. Então, quando as que a gente não conhece começam a murchar, mudamos de lugar pra ver se pegam bem. Procuramos colocar onde elas vão ganhar vida”, conta Fátima.

O cuidado com as plantas é reconhecido pela comunidade acadêmica que procura as jardineiras pela sua capacidade de reanimarem exemplares à beira da morte. Com frequência, os jardins são usados como UTI do verde por pessoas que tinham plantas desmaiadas dentro das salas. O tratamento tem sucesso na maioria das vezes, mas as jardineiras também relatam perdas. Flores coloridas, como o amor-perfeito, raramente conseguem sobreviver nos jardins. “Já ganhamos várias mudas, mas não adianta. As formigas atacam com tudo”, lamenta Rosane.

A solução das jardineiras foi apostar na composição majoritária de folhagens e pedras para deixar os jardins bonitos. Em um deles, desenharam uma espécie de “onda” com plantas verdes abaixo do nome “Direito”, escrito com pedras pintadas de branco por um ex-

jardineiro. Agora, o plano delas é escrever “Economia” no jardim do lado. Para isso, calcularam a necessidade de 120 pedras, das quais já têm 50. “Tem muito aluno que vem aqui no jardim do Direito tirar fotos para a formatura. Quando escrevermos Economia, acho que vão vir tirar fotos ali também”, prevê Rosane.

As jardineiras ressaltam que tanto as pedras como as tintas são catadas no lixo, o que reduz a quantidade de resíduos e torna os jardins sustentáveis. “A gente pega das caçambas mesmo; tem muita pedra e resto de tinta”, conta Fátima. Com elas, além das letras, desenham círculos e estrelas, onde plantam folhagens, árvores e flores.

O adubo usado nos jardins também é sustentável, pois vem da composteira que elas mantêm ao lado dos espaços, onde colocam galhos, folhas e restos de frutas. “Quando apodrecem, viram uma terra preta que a gente coloca nas plantas”, completa Fátima.

O pior momento do trabalho é quando a UFRGS precisa realizar alguma obra no encanamento que passa embaixo dos jardins, o que destrói parte dos desenhos. Já a melhor parte do ofício é receber elogios. “Quase todo dia alguém diz pra gente que tá bonito, nos dá parabéns. É muito bom ouvir isso. Para ficar melhor, acho que poderia haver uns banquinhos aqui para as pessoas sentarem”, sugere Fátima.

Outra realização é quando elas ganham plantas para os jardins. “Tinha uma servidora que sempre nos dava mudas, mas acho que ela se aposentou. A gente também traz algumas de casa”, comenta Rosane.

Recentemente, um episódio intrigou as jardineiras. Uma cabeça de gato preta e branca feita de cerâmica apareceu no jardim do Direito. “Um dia, quando a gente chegou, já estava aqui”, conta Rosane rindo. Sem saber quem colocou o mimo ali, resolveram deixá-lo. Agora elas têm mais uma companhia para cuidar dos jardins.

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Palco é lugar de mulher

Júlia Pianta Primeira baterista a fazer música popular na UFRGS realça a importância da visibilidade feminina

Na primeira vez em que subiu ao palco, Júlia Pianta estava na barriga da mãe, que se apresentou grávida em um show como baterista. Em sua casa, aliás, tudo respira música: além da mãe, o pai é guitarrista e baixista, assim como a irmã, que entrou na primeira turma de música popular da UFRGS, em 2012. Ainda criança, quando nem alcançava o pedal do bumbo, Júlia já se apresentava em shows da escola de música dos pais. “Não sei como exatamente me colocavam pra fazer show, mas isso aconteceu”, conta. Apesar de sempre ter tocado bateria, foi nos últimos anos que abraçou a música como profissão.

Nesse processo, suas referências mudaram. Hoje, a baterista reconhece a escolha do que escuta como um ato político, e seu repertório é muito pautado pela música latino-americana e, de preferência, produzida por mulheres – Elza Soares, Perotá Chingó e Letrux são algumas das influências. Não é o gênero musical, mas o da musicista, que importa. Além de tocar com outras bandas, Júlia é integrante da Enxame, formada exclusivamente por mulheres, e dá aulas de bateria na Batucas, orquestra feminina de bateria e percussão.

Júlia considera que fazer música é um ato indissociavelmente

político. Apesar de, para ela, sempre ter parecido um caminho natural, a estudante conta que não é fácil ser mulher na música: “É muita cobrança. Não diretamente das pessoas, mas uma coisa meio institucional, da sociedade mesmo, de tu sempre ter que fazer muito melhor. Eu queria que ‘ser mulher’ não fosse um fator determinante”. Apesar de as mulheres estarem conquistando mais visibilidade, subir ao palco, seja como a única mulher em uma banda, seja com um grupo exclusivamente feminino, impacta o público que, em geral, ainda não está acostumado a ver mulheres ocupando esses espaços. Júlia luta para que o gênero não seja determinante para a música que faz. O palco, para ela, é um lugar de troca e fortalecimento com mulheres e de referência e incentivo a outras. “Há um peso nas costas um pouco maior. A gente subir com a Enxame no palco é uma pressão, porque tu te sente carregando todas as mulheres que não estão ali.”

Segundo a artista, um dos motivos de não haver muitas mulheres empunhando baquetas é que a bateria carrega o estereótipo da força física, característica que ainda é associada à masculinidade. Para Júlia, no entanto, a bateria representa outro tipo de força – além de arte e cultura, é resistência. É uma forma de dar o exemplo e ensinar outras mulheres, bem como uma oportunidade de construir uma rede de apoio. Muito mais que um amor e uma profissão, música representa sororidade e empoderamento.

Júlia Pianta é a primeira baterista mulher a passar pelo curso de música popular da UFRGS – e, até o momento, também a única. Ela lamenta o título: “Não é um fardo muito legal de carregar. Queria que tivessem várias antes e queria que estivessem comigo en-

quanto eu tô ali [no curso], porque é provável que eu saia e não tenha convívio com nenhuma mulher baterista dentro da faculdade”. Apesar da falta de contato com outras mulheres que toquem o mesmo instrumento, ela espera que a sua formação inspire outras a fazerem o curso e cultivarem também o espírito de resistência. E esse é um movimento que ela já percebe entre as colegas, que estão se arriscando mais com outros instrumentos ou mostrando seus talentos sem tanta autocobrança. Para ela, ao contrário dos homens, as mulheres costumam carregar a crença de que não são boas o suficiente – pensamento que é preciso desconstruir. “A gente carrega um pouco isso de ter que fazer sempre bem.”

Apesar de a vida inteira de Júlia ter sido uma formação musical, a graduação foi uma abertura de portas. Sair do núcleo familiar permitiu que ela tivesse outras perspectivas. A UFRGS não representa só uma oportunidade de ter um diploma acadêmico, mas um lugar para conhecer pessoas e escutar coisas novas. Na faculdade, estudou e tocou músicas e estilos com os quais dificilmente teria contato fora dali. Afinal, segundo ela, os artistas também se formam pelo convívio com pessoas e influências diferentes. Como o curso é novo e está em constante construção, também apresenta suas limitações. Nenhum dos professores toca bateria, por exemplo, o que prejudica alunos com instrumentos específicos. Entretanto, é um espaço para a união de pessoas, estilos e instrumentos diferentes. É uma forma de sair da zona de conforto e aprender muito. “É uma mistura muito boa”, diverte-se.

Júlia Provenzi,
estudante do 6.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU